



EDITORIAL

POR: PE. NORBERTO BRUM,
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

Um Deus que envia ao mundo o Seu próprio Filho, não como prémio ou recompensa por um ser humano bom e santo, mas como “vítima de expiação pelos nossos pecados”, só pode ser um Deus-Amor, amor total e totalizante, imensamente apaixonado e louco!

Um Deus que não pretende nada do homem, de nenhum de nós, a não ser a vivência do paraíso, que não está à espera que sejamos “santos e irrepreensíveis”, mas acolhe-nos aceitando-nos tal qual somos, sem qualquer tipo de condenação ou julgamento, só pode ser Amor! É preciso amar e amar sem limites ou condições, sem exigências ou determinações para mostrar que a dádiva da vida não é o máximo mas o mínimo que se pode fazer pelos amigos: este é o amor maior e a maior revelação de amor!

Preocupamo-nos com tanto e com tão pouco, procuramos supostas fidelidades a tudo quanto são normas e preceitos, tradições e demais “piedades”, populares ou não; passamos contas em rosários deste ou daquele santo, esquecendo, não poucas vezes, do da vida, onde a vida se faz oração e a oração se converte em vida. Não queremos perder ou faltar seja ao que for para que, ao jeito de uma caderneta de cromos, não fique nenhum “item” por preencher... e não é que o Mestre afirma-nos que o Seu mandamento é que nos amemos uns aos outros, mas um amar como Ele nos amou e nos ama. O paradigma é Ele, tudo o resto são novelas de vidas irreais, alinhamento de programas de perder e gastar tempo. O que Ele nos manda é que nos amemos! É nós preocupados com tantas e demasiadas coisas como que a querer impressionar o Ressuscitando desviando-Lhe a atenção do fundamental.

O amor é o fundamental e não o periférico!

E o amor não se quer dito nem muito menos feito: quer-se vivido; não se quer com lote e data de validade mas perene e eterno, que não bloqueie as vias do perdão, mas exerça a compaixão, que não se detenha no “jamais esquecerei” mas seja uma lembrança a cada batida do coração! O amor não faz amigos mas irmãos, não edifica clubes mas faz-nos família!

Hoje, pensa-se demais e ama-se de menos! Dá-se muitas coisas, mas partilha-se pouco!

Muito se escreve e se diz Deus! Muito se lê e se ouve! Muito se investiga, se reflecte e medita: não faltam teologias e demais “ias”, e punhados de universidades e, muito mais, cursos ditos católicos e, no fim de contas, “quem não ama não conhece a Deus”. Aqui só mesmo “honoris causa”! A teologia está toda aqui!

Só se conhece Deus pela via do amor! Amar é atingir o âmago de Deus, experimentar a sua essência e conhecer a Sua identidade. É saber-me como primeira escolha de Deus, que não me chama, não me vê nem faz de mim servo mas amigo, amigo a quem tudo é dado a conhecer... e amar é conhecer o tudo e o todo de Deus!

Só é capaz de morrer como Jesus quem ama verdadeiramente! E quem ama verdadeiramente permanece em Deus e conhece Deus.

“Deus é amor”. Ponto final! E só quem ama... é cristão!

afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra

PALAVRA COM VIDA

VI DOMINGO DA PÁSCOA - Ano B

1ª Leitura

Actos dos Apóstolos 10,25-26.34-45.44-48

«O Espírito Santo difundia-Se também entre os pagãos»

2ª Leitura

1 João 4,7-10

«Deus é amor»

Evangelho

São João 15,9-17

«Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos amigos »

A Palavra do Senhor deste VI Domingo da Páscoa convida-nos a olhar e a contemplar o amor imenso de Deus, manifestado na pessoa, nos gestos e nas palavras de Jesus e dia-a-dia tornado presente na vida de todos por acção dos seus discípulos.

As palavras de Jesus aos discípulos na “ceia de despedida” deixam-nos claro que os discípulos não estão sozinhos nem perdidos no mundo, mas que o próprio Jesus estará sempre com eles, oferecendo-lhes em cada instante a sua vida. A comunidade de Jesus continuará, ao longo da sua caminhada pela história, a receber vida de Jesus e a ser acompanhada por Ele. Nos momentos de crise, de desilu-

são, de frustração, de perseguição, não podemos esquecer que Jesus continua ao nosso lado, dando-nos coragem e esperança, lutando connosco para vencer as forças da opressão e da morte.

Jesus, no Evangelho, define as coordenadas do “caminho” que os seus discípulos devem percorrer: Eles são os “amigos” a quem Jesus revelou o amor do Pai; a sua missão é testemunhar o amor de Deus no meio dos homens. Através desse testemunho, concretiza-se o projecto salvador de Deus e nasce o Homem Novo.



SABIAS QUE...



... Na próxima Terça-feira, dia 11 de Maio, assinalam-se os 30 anos da visita do Papa São João Paulo II aos Açores?

Corria o ano de 1991 quando o então Papa João Paulo II, durante a sua visita a Portugal para presidir às celebrações, daquele ano, do 13 de Maio em Fátima, celebrando-se uma década sobre o atentado de que tinha sido vítima, na Praça de São Pedro, em Roma, a 13 de Maio de 1981, se deslocou às Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira. Tornava-se, assim, o único Papa da história da Igreja a deslocar-se a estes dois arquipélagos.

A sua visita aos Açores teve a duração de um dia, distribuindo-se por passagens pelas ilhas Terceira e São Miguel. A sua vinda a São Miguel mobilizou toda a comunidade na preparação e acolhimento de Sua Santidade, tendo, para tal, e excepcionalmente, a imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres saído do Convento da Esperança, fora do período das suas festas,

para que ocorresse o momento de oração do Papa São João Paulo II aos pés do Ecce Homo.

Na memória do povo micalense que acorreu em massa ao “Campo do Senhor” ficaram as imagens do Papa a chegar àquele lugar no meio de uma multidão tal que se pode afirmar que nunca mais foi igualada, bem como as palavras fortes e cheias do Espírito de Deus que dirigiu a essa mesma multidão. Nas palavras do, à data, Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada, Mário Machado, aquela foi a única vez que sentiu “a cidade de Ponta Delgada a congregar toda a ilha à sua volta. Toda a gente veio à cidade...A região pela primeira vez foi uma região unida...”; relembrando-se, ainda, as afirmações do Presidente do Governo Regional em 1991, Mota Amaral, em que dizia que a “Visita Papal foi um verdadeiro acontecimento histórico para os Açores. Em mais de meio milénio de existência, pela primeira vez a cristandade açoriana acolheu o Sumo Pontífice”.

Saibamos nós, neste segundo ano de uma vivência mais espiritual das Festas do Senhor, inspirarmo-nos pela passagem de São João Paulo II entre nós vivendo esta relação íntima e profunda com o rosto do Senhor Santo Cristo dos Milagres e colocando nele todas as nossas preces, agradecimentos, anseios e confidências com a certeza que Ele esteve ontem, está hoje e estará amanhã, e sempre, lá para nós.

POR CÁ

Domingo do Senhor Santo Cristo dos Milagres

Não fosse a pandemia de Covid-19 que vivemos e neste fim-de-semana todos os caminhos da nossa Diocese iriam dar ao Santuário do Senhor Santo Cristo dos Milagres, em Ponta Delgada, na celebração da sua festa. Tal como no passado ano, as festas do Senhor decorrem, este ano, em moldes diferentes do habitual, sem as procissões da Mudança, no Sábado e a do Domingo, centrando-se apenas nas celebrações litúrgicas, sem a presença de fiéis, e na sua vertente espiritual. Este ano, o Tríduo Preparatório da festa foi transmitido pela RTP/Açores, bem como uma Celebração da Palavra que aconteceu ontem na hora em que deveria decorrer a Procissão da Mudança da Imagem do Convento para a Igreja do Santuário e, na manhã deste Domingo, dia maior da festa, a solene Eucaristia, foi presidida pelo Bispo de Angra, D. João Lavrador.

Numa nota intitulada “Senhor Santo Cristo! Reforça a nossa Esperança”, o reitor do Santuário da Esperança, cónego Adriano Borges, pede a todos os peregrinos que uma vez mais teremos de ser fortes, como temos sido: fortes e resilientes, cumpridores e



respeitadores, porque a isso nos convoca a nossa fé”. “A situação pandémica trouxe perdas e sofrimento, e em alguns casos, irreversíveis. Sentimo-nos mais próximos do Senhor, fazendo a dura experiência da cruz, no que ela tem de sofrimento. Mas também sabemos que é a cruz que nos salva e, por isso, nela encontramos o sinal da

esperança” adianta ainda. “A nossa fé desafia-nos a sermos parte da solução e nunca do problema”, frisa.

Na mesma nota, o Reitor afirma que “a maior e mais profunda peregrinação é aquela que fazemos ao interior do nosso coração, aquela que nos leva até ao verdadeiro encontro com o Senhor” ressaltando o exemplo de

resiliência dos emigrantes.

O sacerdote termina a comunicação pedindo “alegria e esperança” na vivência das festas pois esse é “o maior e mais importante testemunho de fé”. Nos dias que antecederam a Festa, a Imagem do Senhor Santo Cristo ostentou a Capa usada na visita de São João Paulo II aos Açores, que se realizou a 11 de Maio de 1991, assinalando, desta forma, os 30 anos daquela visita.

Já nos dias principais da Festa, a Imagem ostenta uma capa nova, oferecida pela Comissão de Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres de Brampton, no Canadá, assinalando o 15º Aniversário da sua criação.

A festa em honra do Senhor Santo Cristo dos Milagres é, a seguir ao Espírito Santo, a maior devoção dos açorianos fazendo convergir, anualmente, no quinto Domingo a seguir à Páscoa milhares de fiéis para o Campo de São Francisco em Ponta Delgada.

Este culto foi iniciado pela religiosa Teresa da Anunciada, cujo processo de canonização está agora na fase de recolha de fundamentação histórica e teológica.

ENTRE NÓS...

A minha alma tem sede do Deus Vivo

Os Patriarcas, significativamente, inauguram a História da Salvação pelo gesto de cavar um poço. Assim é o ser humano quando tem sede, procura água onde pensa que a pode encontrar.

Parece que seremos sempre estrangeiros da terra que pisamos e do património que possuímos.

Voltando ao poço. Cada herói levanta um altar ao seu deus, à sua religião, ideologia, ou ao seu poder e dinheiro.

Irreprimível é negar que cada ser humano tem uma heroica sede de procurar e como poderia deixar de cavar onde espera encontrar algo onde beber até à saciedade?

Lembremos que até as contestações do “inconsciente ateu” denunciam essa nostalgia: contestar a sede, repudiar a água, contrapor a ideia de sede, inclusive da existência de uma fonte.

Mesmo seguro de si mesmo, sustém o desejo de esperar, porque deixar de esperar significaria reclinar-se definitivamente no pesado manto da morte.

Na Bíblia, Deus é o primeiro que tem sede e põe-Se a caminho à procura, até nos encontrar à beira das nossas cisternas irrisórias. O apelo de Orígenes mantém-se atual: “Abandona esses poços, percorre toda a Escritura em busca dos poços e chega aos Evangelhos. Lá encontrarás Aquele que, cansado da viagem, sentou-se para conversar com a samaritana”.



À beira do poço, Ele nos espera e o seu diálogo conduzirá, apesar dos nossos recuos e agressividades, à inevitável questão do lugar onde se adora Deus em Espírito e em Verdade.

Para os ativistas da caridade, o Evangelho é ação, pois os Lázarus da parábola da vida estarão sempre à nossa porta. Como poderiam eles perder a sua alma no festim simbólico dos ricos avaros?

Existem também os situacionistas da luta de classes, porque recusam compartilhar o banquete (agapé) com os pecadores que oprimem os pobres fora do templo. Existem ainda, os místicos solitários, alérgicos a qualquer contaminação mundana, pois são como os anjos, cultuando Deus nas nuvens imaculadas da moralidade individual.

Jesus Cristo permanece sentado à beira do poço aguardando as samaritanas da nova aliança. Ouviram dizer que existe uma fonte, olvidando que ela brota d’Aquele que lhes pede de beber. Para alguns, a fonte tornou-se miragem: fascinados pela vida e ávidos de autenticidade simulam a realidade, pois basta-lhes o caminho para a fonte. Neste mesmo trajeto que inspirou tantos crentes, encontramos também os fugitivos do vale de lágrimas que esquecem, por um instante, a vida e mergulham numa letargia celeste.

Resta a maior parte dos fiéis, aqueles que não fazem tantas perguntas a si próprios e passam, com toda a simplicidade do descanso sabático à libertadora ressurreição. Podeis questionar o que toda esta conversa tem a ver com a festa do Senhor Santo

Cristo dos Milagres? A resposta é muito simples: o centro e a beleza de toda a festa centra-se na Imagem. Naquela imagem, em particular. Não somos idólatras, mas ela revela o poço de uma vida entregue por amor.

Tomando emprestadas as palavras de Saint-Exupéry, no seu livro “Cidadela”: “Quem ama uma estátua não ama nem o barro, nem o tijolo, nem o bronze, mas a ação do escultor”, - diria eu - a fé daquele que com arte e com alma, soube compendiar o Evangelho Vivo, no tempo e no espaço da nossa história. Não é por acaso que costumamos escutar: uma imagem, vale mais que mil palavras. No caso do Senhor Santo Cristo, esta máxima aplica-se até à encarnação de olhares agradecidos que tingem em tonalidades mil a nossa fé. Recordamos também a efeméride do trigésimo aniversário da passagem pela nossa ilha, de S. João Paulo II, então Papa na altura.

Quanto de nós, temos bem viva a memória dele ajoelhado diante da imagem do ECCE HOMO. Chocante, sem dúvida, mas revelando naquele gesto de humildade uma grandeza extraordinária de fé e beleza. Aquele que sabe inclinar-se perante o símbolo, reverencia o Mistério Redentor que ele desenha no horizonte da natureza humana.

Padre Paulo Borges